

Mocidade Cristã

Ano XIX

Janeiro a Março de 1957

Número 74

Perdão, Justificação, Santificação

Não sendo bem entendida por muitos dos crentes a diferença entre estas três bênçãos cristãs, propomos explicar a significação de cada uma delas.

Perdão trata de nossos pecados. *Justificação* trata de nossa posição perante Deus, e *santificação* de nossa condição espiritual. Os homens podem perdoar as ofensas dos seus semelhantes contra si mesmos, mas não podem justificar o ofensor. Um ladrão, perdoado pela pessoa a quem roubou, não é justificado. E' apenas um ladrão perdoado — não é justo. «Justificar» significa «fazer justo». Deus perdoa os pecados dos arrependidos, porque Cristo levou seu castigo. Ele também justifica o pecador, fazendo-o como se não tivesse cometido os pecados.

Somos *justificados* por Deus. E' uma bênção perfeita e completa, porque foi efetuada pela obra perfeita de Cristo na Cruz. Alguns ensinam, erradamente, que a justiça do Senhor Jesus em Sua vida terrestre, é atribuída a nós. Isto é impossível. Recebemos a justiça de Deus, justiça atribuída a nós por causa da morte do Salvador. Somos justificados (1) pela graça de Deus (Romanos 3:24) (2) pelo sangue de Cristo (Romanos 5:9) e (3) pela fé (Romanos 5:1) O primeiro é o motivo, o segunda é a base, e o terceiro é o meio pelo qual recebemos justificação.

Santificação

Em 1 Corintios 1:30 lemos que somos santificados em Cristo. Toda a bênção «em Cristo» é perfeita e neste versículo é considerada como nossa posição perante Deus. Mas santificação no Novo Testamento é considerada também num sentido prático e neste caso a responsabilidade é nossa e trata da nossa condição espiritual. A santificação significa separação do mal, seja por dentro do coração ou exteriormente. Nossa posição (justificados) é perfeita, pois é em Cristo. Nossa santificação prática ou nossa condição é variável, porque depende de nós. Em toda a nossa vida terrestre seremos sujeitos à tentação e ao pecado. Ouvimos de crentes que dizem ser «completamente santificados». O crente, porém, que acha que não seja mais necessário orar: «não nos induzas à tentação», está em grande perigo e deve notar o conselho em 1 Cor. 10:12: «aquêle pois que cuida estar em pé olhe não caia». Quanto mais santificado é o crente, mais ele sente o perigo de cair, mais receio tem de pecar, entende melhor o mal de seu coração e menos fala de sua própria santificação.

O meio de santificação é: leitura da Palavra de Deus, oração, meditação nas coisas de Deus, vigilância, evitando tudo quanto é capaz de fazer um apêlo à sua carne.

Mas santificação não é somente a separação do mal, que é o lado negativo, mas o crente deve ser separado para o Senhor. Temos uma boa figura em 1 Cor. 10:2 — a passagem

dos Israelitas pelo Mar Vermelho, chamado seu «batismo». Produziu dois efeitos: um negativo, separando o povo de Faraó e do Egito (figuras do domínio e escravidão do pecado e do mundo); o efeito positivo: para serem dedicados à direção e domínio de Moisés (figura de Cristo). Já temos explicado em outro numero que em 1 Cor 10:2 a palavra traduzida «em» (Moisés) deve ser «a» (Moisés) e em Romanos 6:3 o versículo deve-se ler «fomos batizados a Jesus Cristo e a Sua morte.» Na carreira cristã, o batismo simboliza a transferência do domínio do pecado e do mundo para o domínio do Senhor Jesus. Os Israelitas passaram pela agua da morte (que matou seus inimigos) e os cristãos figurativamente passam pelas águas da morte para seguir o Senhor. No limiar da carreira cristã, o crente tem de aprender a verdade e importância da santificação, não somente em sua inteligência mas no coração. Depois de aprender a verdade da justificação, e desejo mais ardente do jovem cristão deve ser sua santificação. Seu batismo simboliza a verdade, mas não há de produzir santificação sem exercício espiritual e propósito de coração.

Lemos em 1 Corintios 10 que os Israelitas caíram no deserto porque mesmo como os Corintios, faltavam a santificação. Em Hebreus 4, lemos que caíram por falta de fé. Seu batismo no Mar Vermelho deu ao povo liberdade, mas não lhe deu santificação, porque lhes faltavam fé e obediência à Palavra de Deus.

W. Anglin

Pode-se comparar a hipótese de que a existência humana neste mundo fôsse o resultado de um acidente, à probabilidade que uma explosão numa tipografia produzisse um grande dicionário.

traduzido de «Reader's Digest»

História de nossos hinos

Durante os séculos que seguiram a Reforma, na Igreja Presbiteriana da Escócia, o povo cantava somente os Salmos que eram parafraseados, o que quer dizer, os Salmos da Bíblia que foram escritos na forma de verso moderno de acôrdo com a música. O órgão não era usado nas igrejas presbiterianas. No século passado, quando o Sr. Sankey, o cantor, ia com o evangelista Sr. Moody, para sua primeira campanha evangelística em Edinburgh, capital da Escócia, ele recebeu muito introduzir seus hinos e solos, acompanhados pelo seu harmônio. Dr Horácio Bonar, ministro presbiteriano, assistia, e depois da primeira reunião, na qual Sankey cantou um solo com temor e tremor, Dr Bonar, cujo coração fôra tocado, foi cumprir o solista pela maneira por que cantara o Evangelho. Sr. Sankey assim ganhou confiança. Mais tarde, quando, pela primeira vez, ele cantou o hino «Noventa e nove ovelhas há» (a história é descrita em «Mocidade Cristã» número 66) tôda a oposição ao cantar de hinos e solos esvaneceu, e havia lágrimas no lugar de queixas!

O Dr. Horácio Bonar também escreveu hinos e tornou-se popular o costume de cantar hinos nas igrejas presbiterianas. Dois de seus hinos são traduzidos em Português, um sendo «Ouvi o Salvador dizer» (H&C 99, S&H 417, C.C. 394) A música predileta é «Voz Delecti». Outro hino da pena de Dr. Bonar, (traduzido por Sr. Ricardo Holden) é «Ouvindo a voz de amor» (H&C 441) que foi copiado em «Mocidade Cristã» Número 38, mas em seguida damos as duas primeiras estrofes.

Ouvindo a voz de amor,
E, vendo sôbre a cruz
Vertindo o sangue expiador,
Paz tenho por Jesus

A paz que Deus me deu
P'ra sempre firme está,
Nem mais seguro está no céu
O trono de Jeová

Há mais de méio século, o escritor ouviu contada à mesa da família, por um amigo de Sr. Spurgeon, a seguinte história, que ouvira o célebre pregador batista relatar.

Dois jovens assistiam numa das universidades na Inglaterra e eram grandes amigos. Um deles era escocês, chamado Donald, que depois, se formou como ministro da Igreja Presbiteriana da Escócia. Seu amigo, Haroldo, entrou na Igreja Anglicana, do tipo chamado «alta igreja» (ritualista). Passado algum tempo, Donald visitou seu velho companheiro da universidade. No domingo, por cortesia, Donald assistiu na igreja de seu amigo. Depois do serviço, regressando à casa, os amigos tinham a seguinte conversa: —

Haroldo. Então, Donald, gostou de nosso serviço esta manhã?

Donald. Foi terrível, terrível, não gostei nada d'ele.

Haroldo. Mas, meu amigo, certamente teria gostado dos cânticos.

Donald. Achei tudo muito ruim, os hinos eram a parte pior de todo o serviço.

Haroldo. Mas aquêlê último hino, Donald, com certeza gostou d'ele e da música, porque as palavras são baseadas num Salmo de Davi, e há razão para acreditar que a música foi tocada por Davi na harpa.

Donald. Oh, sim, sim, posso acreditar isto, porque explica uma coisa que nunca podia compreender.

Haroldo. Que era isto?

Donald. Agora compreendo porque quando Davi tocava sua harpa Saul procurou matá-lo com sua lança.

Sim, Sankey tinha razão para re-
ceiar cantar seus solos acompanhado
com a música de seu harmônio, na
Escócia!

A 'Infalibilidade' do Papa

No ano de 1632, Galileo publicou um livro sobre a astronomia que teve muita aceitação. Ele explicou que o mundo gira em seu eixo uma vez por dia e anualmente move-se em torno do sol, enquanto o «Astro Rei» fica parado no céu. O autor foi intimado pelo papa a comparecer perante a «Santa Inquisição» em Roma para ser julgado. A Inquisição condenou esta terrível «heresia» e mandou Galileo retratar-se dela. O autor julgou que seria prudente obedecer a esta ordem, e então foi condenado a prisão e, durante três anos, como penitência, foi obrigado a repetir de joelhos, uma vez por semana, os sete «Salmos penitenciais». Um escritor contou que depois de cada repetição penitencial, o «penitente» costumava levantar-se dizendo «mas ainda a terra move-se». Hoje em dia o papa crê, como Galileo dissera, que a terra move-se.

Os tradutores católicos da Bíblia traduzem «arrepender-se» pelas palavras «fazer penitência», mas o procedimento de Galileo mostra que ele não se arrependeu, embora tenha feito penitência por seus pareceres no assunto de astronomia.

Historia dos Judeus

(continuação)

Em números passados escrevemos a história do período entre os dias de Malaquias e o nascimento de Jesus. Agora propomos escrever curtas biografias dos governadores

A Bênção de Crer

1 Reis 17:8-24.

Certa viúva anônima, da cidade de Sarepta, catava gravetos, porém cheia de tristeza e dor — a sombra da morte pairava sobre seu lar. Ela e seu filho há muito que vinham racionando sua refeição afim de que a farinha e o azeite pudessem durar mais alguns dias. Mas chegara o momento em que seria obrigada a gastar o restinho dêsses provimentos e dissera amargurada: hoje vamos fazer nossa última refeição e depois aguardar a morte que a fome bem depressa nos trará.

Não sabemos quais eram seus pensamentos enquanto juntava os cavaços para preparar sua última refeição. Estaria ela pensando no poder do Deus de Israel, como alimentara no deserto a multidão de Seu povo enviando do céu o pão de cada dia? O que sabemos é apenas o que Jesus declarou muitos anos mais tarde: que havia muitas viúvas no tempo de Elias, mas somente aquela foi escolhida para gozar a grande bênção do poder de Deus, Lucas 4:25 e 26. Lendo da sua atitude diante do profeta, notamos que ela revelou fé e obediência. Ela ouviu, creu e obedeceu à voz de Deus através de Seu profeta. Elias, talvez para experimentá-la, não pediu para partilhar de sua refeição, mas exigiu que ela fizesse primeiro um bolo para ele, apesar dela já haver dado a entender que a farinha e o azeite davam apenas para duas pessoas e não três. Foi então que o profeta lhe fez aquela maravilhosa declaração: Assim diz o Senhor — a farinha e o azeite durarão até que venha chuva sobre a terra. Que lhe teria sucedido se ela tivesse duvidado de sua palavra e negado o bolo solicitado? Teriam ela e seu filho contemplado aquela

abundante chuva que caiu após vencidos os três anos e seis meses de seca? cap. 18:45. Certamente não, pois o que percebemos das suas palavras no vers. 12 é que ela já não contava com o auxílio de ninguém porque a fome penetrara em todos os lares.

Está alguém em situação idêntica? Então ouça a palavra do Senhor, tenha fé e obedeça. Dá ao Senhor o que Ele pede de ti e verás o resultado. E que é que o Senhor pede de ti senão que pratiques a Justiça, ames a Beneficência e andes humildemente diante de teu Deus. Miq. 6:8b.

Sim, ela demonstrou também que amava a beneficência repartindo o pouco que possuía com aquele que nada tinha. Ela deve ter ficado contente e maravilhada com tantas bênçãos, farinha e azeite em abundância e, mais confortante ainda, a presença do profeta em sua casa como a garantir-lhe cada dia o cumprimento da palavra do Senhor, da sua promessa. Do mesmo modo o Senhor Jesus garante-nos o verdadeiro alimento para sustento de nossas almas, plena alegria e o gozo de sua presença a cada momento.

Porém, mais adiante, lemos que o Senhor permitiu que ela se visse em situação pior e mais aflitiva que aquela que experimentara no dia em que ia fazer sua última refeição. A morte roubara-lhe o maior bem e alegria que possuía na terra — seu único filho.

Ele serviu-se dessa experiência mais dura, dêsse abalo mais forte para levá-la a crer de todo o coração que Elias era realmente o profeta de Deus. Ao receber o filho novamente vivo, ela exclamou: «Nisto conheço agora que tu és homem de Deus, e que a palavra do Senhor na tua boca é verdadeira.»

Por que não crer de todo o coração

após a primeira prova do poder de Deus, após a primeira maravilha? Por que esperar um abalo mais forte, uma experiência mais dura para depois crer completamente no Enviado do Senhor e na Sua Palavra?

Maria Luiza de Araújo

Correspondência

Recebemos cartas pedindo conselhos em dificuldades que surgem nas igrejas na roça e respondemos com boa vontade, mas não possuímos qualquer autoridade eclesiástica ou oficial. Depois de considerar nossos pareceres, a igreja pode seguir ou rejeitar nosso conselho, porque a responsabilidade resta com a igreja local e não com pessoa de fora.

Pergunta 1. Acêrca da melhor atitude em oração coletiva, como numa reunião de oração.

Resposta. Para intercessão, confissão ou súplicas, a atitude mais apropriada seria de joelhos. Evidentemente o Apóstolo Paulo costumava orar de joelhos (Atos 20:36; 21:5, e Efésios 3:14). Para adoração a atitude sacerdotal, de pé, é mais de acôrdo. No Brasil a atitude de costume é de pé. O fato que todos se levantam para oração indica reverência, que é da primeira importância. Mormente o irmão que dirige a oração audivelmente deve mostrar capricho e reverência em sua atitude. Se uma comissão comparecesse perante o Presidente da República ou perante um rei, todos esperariam que o orador mostrasse o máximo de respeito e capricho em sua atitude e nas suas palavras. Não podemos imaginar que êle dirija seu pleito com mãos nas algibeiras das calças! Devemos também mostrar reverência perante nosso Rei e respeito aos irmãos presentes. Quanto ao lado ver-

bal, devemos falar com reverência a Deus, mas numa maneira que pessoas presentes possam ouvir claramente. Senão, como podem dizer «AMEM»? Devemos evitar falar alto demais o que indica uma falta de reverência. E' também falta de respeito da parte dum pregador o gritar a seu auditório durante a pregação, mas ainda pior em oração. O grande pregador Spurgeon, falando aos seus estudantes para o ministério, aconselhou-os a que não gritassem e sugeriu que o auditório deve oferecer ao pregador que grita a tôda a hora, o conselho bíblico «não te faças nenhum mal, todos aqui estamos».

Pergunta 2. Um irmão nos pergunta acêrca do uso de quadros chamados «flanelagrafos» para a evangelização de crianças. Evidentemente alguns pensam que não é um método bíblico.

Resposta. Não há nada contra o ensino bíblico no uso dos quadros. São de muita utilidade para prender a atenção de crianças e, às vezes, de adultos que não são acostumados a escutar a uma pregação. Representam duas portas para se penetrar na mente de crianças: os ouvidos e os olhos. Mas os quadros devem ser tratados como auxílio ao serviço e a explicação verbal é da primeira importância. Flanelagrafos são de mais serviço em reuniões especiais. Na Escola Dominical as crianças devem ser ensinadas a escutar ao professor e prestar atenção sem êste auxílio. A única questão é: devemos usar figuras do Senhor Jesus? O escritor destas linhas resolveu não usá-las, mas não critica outros que empregam tais ilustrações. Não é uma questão de princípio mas de um expediente ou não. As figuras de Jesus em geral não dão uma boa impressão do Salvador às crianças.

Atos 15:39

Lemos em Atos 15:39 que Paulo e Barnabé separaram-se um do outro. A razão foi porque Barnabé queria levar João Marcos outra vez na viagem missionária, mas Paulo não queria, porque perdera confiança nele. Qual dos dois tinha mais razão? Os dois companheiros no Evangelho, em separarem-se, não transgrediram qualquer princípio bíblico, e depois, ambos prestaram bom serviço. Barnabé é lembrado na ilha até hoje como o fundador do cristianismo e considerado pela Igreja Ortodoxa (Grega) o padroeiro de Chipre.

Um princípio importante

O princípio é: quando dois ou mais servos do Senhor trabalham juntos, outro não deve ser convidado para ajudar, sem a plena concordância de todos os obreiros no mesmo serviço. Quanto bom serviço tem sido impedido ou destruído por falta de observar este princípio!

Na comunhão da Igreja não escolhemos nossos companheiros, porque é Deus que os escolhe (Seus eleitos) e é nosso dever julgar quais são os escolhidos de Deus pelos frutos (2 Tim. 2:19). Qualquer desvio desta escolha faz um partido. Em serviço, porém, escolhamos nossos companheiros, como fez o Apóstolo Paulo. Um jugo desigual em serviço pode ser muito inconveniente e por esta razão é essencial que haja compatibilidade entre os co-operadores. Certo trabalho (mas não todo) exige dom semelhante entre os trabalhadores. Por exemplo, um grupo de irmãos deseja evangelizar crianças. Vamos supor que outra pessoa é convidada para ajudar que não tem aptidão

nem entendimento de crianças. Mas é convidada para não se ofender! Assim a obra do Senhor é sacrificada para se manterem boas relações entre irmãos! Quantas vezes convidase um irmão a pregar, somente para agradar-lhe ou a seus amigos? Lembro-me bem dum caso na minha mocidade. Costumava, nos domingos, pregar nas cozinhas das pensões dos pobres na cidade, e um velho irmão resolveu acompanhar-nos. Fêz-me lembrar dum charrete com uma roda bem grande e outra, metade do diâmetro. Não andava bem. Noutro lado eu trabalhava bem com um jovem irmão que possuía mas dom como evangelista e atraía almas a Cristo melhor que eu.

Certo serviço de muita importância e bem conhecido, fracassou por falta de se observar o princípio. O chefe do movimento era irmão muito estimado, zeloso e amado por todos. Infelizmente não possuía faculdade judicial para julgar com critério. Era tão bondoso que não podia dizer «NÃO» a qualquer dos candidatos que aspiravam a ajuntar-se ao grupo que era de doze evangelistas. Um após outro destes «candidatos», que não serviam bem, foram admitidos por este líder, sem consultar seus colegas. O resultado foi que os melhores dos seus companheiros largaram o serviço e o movimento fracassou.

W. Anglin

EXPEDIENTE

«MOCIDADE CRISTÃ» é uma publicação ocasional para promover os interesses dos grupos da mocidade cristã evangélica. Não tem assinantes, pois é mandada gratuitamente aos nossos correspondentes. As despesas da impressão serão feitas por donativos voluntários.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.

Casa Editora Evangélica, Teresópolis, E. do Rio
Editor responsável José Ferreira de Andrade